

# nada a dizer

Do meu livro anterior (Leve), lançado há quatro anos até hoje, progressos significativos ocorreram nas minhas buscas dentro do que aos poucos reconheço como arte da palavra.

É que embora ainda não as tenha abandonado, poesia, bem como poeta, são estas denominações que vêm se mostrando insuficientes para definir o esforço que tenho feito no sentido de ampliar o alcance e a potência (que só é possível pela contaminação por outras formas de expressão – música, arte sonora, artes visuais, eletrônica, arte digital, etc) da minha produção poética.

Este Nada a Dizer, oficialmente meu terceiro livro, apresenta impressões desses avanços abertos para o que ainda há de vir.

Nele, os poemas inéditos (a maior parte) despontaram a partir das minhas pesquisas e experiências no terreno da performance e da poesia sonora. A outra parte é composta por poemas e textos que andavam dispersos em revistas, antologias e sites literários desde 2005 e que decidi aglutinar em um suporte único.

São poemas em verso, poemas visuais, textos para página e palco, poemas objeto, texto-colagens, códigos, poema QR-Code, contágios, perquirições e tal.

A célebre e uma das definitivas definições de poesia (“I have nothing to say/ and am saying it/ and that is poetry/ as I needed it”) que o compositor, músico, pintor e poeta norte-americano John Cage deu em seu livro Silence (1961) foi, desde a concepção deste Nada a Dizer, decisiva para a escolha do seu nome de batismo.

Coisa natural para poetas (ou artistas da palavra) como eu, sabedor de que quanto mais se

diz, mais da poesia se dista.

Marcelo Sahea

março de 2010

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/nada-a-dizer-1>